

LUDOTERAPIA COMO TECNOLOGIA DO CUIDADO NAS AÇÕES DE EXTENSÃO EM ENFERMAGEM

Gênesis Vivianne Soares Ferreira Cruz

Doutora em Enfermagem. Docente da Faculdade de Enfermagem,
Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso.
E-mail: genesis.cruz@ufmt.br.

Déborah Phriscilla Matos Garcia da Silva

Acadêmica da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de
Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso.

Natalia da Silva Angelo

Acadêmica da Faculdade de Enfermagem da Universidade
Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso.

Resumo: O brincar é algo natural desde a infância, e deve ser estimulado em todas as faixas etárias, e quando o indivíduo tem essa naturalidade roubada por uma doença, muitas vezes se isola e tende a se tornar mais retraído socialmente. A ludicidade é uma forma interessante de reverter tais traumas provocados por processos causados por doenças que levam à hospitalização. A ludoterapia é uma estratégia que auxilia na socialização da criança com toda a equipe e seus familiares, proporcionando bem-estar, entretenimento e funciona também como uma medida analgésica e não farmacológica. A enfermagem vem ganhando destaque na aplicação das tecnologias lúdicas, com oportunidades de implementá-las e/ou desenvolvê-las para maior crescimento da profissão e benefícios da relação entre profissional e cliente, neste caso, crianças e adolescentes hospitalizados. Tecnologias que utilizam o lúdico e o brincar são, portanto, adequadas ferramentas de cuidado e ações de enfermagem a serem implementadas na assistência de crianças e adolescentes hospitalizados.

Palavras-chave: Tecnologias lúdicas. Ludoterapia no cuidado da criança. Formação de enfermeiros.

Abstract: *Playing has been natural since childhood, and should be encouraged in all age groups, and when an individual has this naturalness stolen by an illness, they often become isolated and tend to*

become more socially withdrawn. Playfulness is an interesting way to reverse such traumas caused by processes caused by diseases that lead to hospitalization. Play therapy is a strategy that helps the child socialize with the entire team and their families, providing well-being, entertainment and also works as an analgesic and non-pharmacological measure. Nursing has been gaining prominence in the application of playful technologies, with opportunities to implement and/or develop them for greater professional growth and benefits of the relationship between professional and client, in this case, hospitalized children and adolescents. Technologies that use play and play are, therefore, appropriate care tools and nursing actions to be implemented in the care of hospitalized children and adolescents, not restricted only to the practice of nursing professionals.

Keywords: *Play therapy. Pediatric Nursing. Hospitalized Child.*

INTRODUÇÃO

A infância é um período fundamental do desenvolvimento humano, no qual ocorre a aquisição de habilidades neuropsicomotoras e sociais. Um dos principais processos de desenvolvimento e aprendizado da criança é o brincar, por meio do qual explora o ambiente e a si mesma, desenvolve entendimento do mundo (que está a sua volta) e interage com ele (família, escola, diversos ambientes de convívio social) (Santos *et al.*, 2014).

O período da infância também pode ser marcado pelo adoecimento e pela necessidade de convívio em ambiente hospitalar. Nesse contexto, quando a internação é necessária, pode ocorrer uma desestruturação do desenho familiar costumeiro e uma desorganização do todo conhecido, gerando angústia na criança (Gomes, 2012). Sob o olhar da criança e do adolescente, o hospital pode ter uma característica de dualidade, pois, ao mesmo tempo que traz sofrimento, também representa um espaço de cura (Vieira; Lima, 2002).

Estudos científicos apontam que as crianças se sentem desam-

paradas e podem apresentar comportamentos regressivos, fobias, alterações no sono e mudanças de comportamento. Entende-se, diante dessa situação, que o investimento em ações de cuidado que promovam a humanização em ambiente hospitalar pediátrico é indispensável, a fim de promover uma assistência que permita à criança se sentir acolhida, valorizada e cuidada (Dal’Bosco *et al.*, 2019; Vieira; Lima, 2002; Gomes, 2012).

Importa lembrar que o brincar é algo natural desde a infância, e deve ser estimulado em todas as faixas etárias, e quando o indivíduo tem essa naturalidade roubada por uma doença, muitas vezes se isola e tende a se tornar mais retraído socialmente. Isso pode trazer consequências negativas para a saúde emocional, e o renascimento da ludicidade é uma forma interessante de reverter tais traumas provocados por processos causados por doenças que levam à hospitalização (Nascimento *et al.*, 2019).

O lúdico é o meio que contribui para a mudança do ambiente hospitalar em um local mais agradável, acolhedor e menos assustador. Mesmo hospitalizada, a criança deve ser incentivada a continuar brincando, pois ajuda no desenvolvimento motor, social, emocional e diminui o sofrimento. A terapia lúdica jamais deve ser considerada como um mero incentivo à diversão e ao entretenimento, mas como uma ferramenta de cuidado e uma opção educativa com incentivo ao desenvolvimento infantil, que auxilia na diminuição do estresse, do medo e da ansiedade (Soares; Zamberlan, 2001).

Os enfermeiros, no contexto da assistência à saúde, podem utilizar o brincar como estratégia de cuidado à criança hospitalizada durante a rotina diária; no preparo para cirurgias e procedimentos invasivos e na realização de procedimentos dolorosos e desagradáveis (Furlanetto, 2016). No Brasil, o uso do brinquedo terapêutico, uma técnica de ludoterapia bastante disseminada na enfermagem pediátrica, iniciou-se com a Profa. Dra. Esther Moraes, docente da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, no final da década de 1960, por constatar maior colaboração ao tratamento e

maior aproximação entre o enfermeiro e a criança (Cintra; Silva; Ribeiro, 2006).

Nesse cenário, o Brinquedo Terapêutico Dramático (BTD) possibilita exteriorizar sentimentos, assim como experiências que não são verbalizadas, aliviando as tensões e expressando os medos subjacentes à situação estressante. A técnica consiste em permitir à criança dramatizar situações que estão sendo vivenciadas durante a internação, podendo assumir diversos papéis, seja dos profissionais de saúde, seja de qualquer membro de sua família. A criança, ao encenar os diversos papéis durante a brincadeira, pode encontrar soluções para os problemas que a afligem. Na dramatização são utilizados bonecos que representam a família e a equipe hospitalar, réplicas de equipamentos hospitalares ou equipamentos verdadeiros, além de objetos comuns ao seu cotidiano (Silva *et al.*, 2017).

A ludoterapia é um método composto por diversas técnicas e recursos, como narração de histórias, brinquedos terapêuticos, musicoterapia, palhaçoterapia, entre outros. Essas abordagens trabalham nos aspectos físicos, cognitivos e emocionais da criança, promovendo maior confiança, tranquilidade e conforto durante o período de hospitalização (Correio *et al.*, 2022).

A experiência de participar de projetos de extensão que envolvem o cuidado lúdico pode favorecer a formação do futuro enfermeiro, ao prepará-lo na utilização de uma ferramenta muito importante na atuação profissional, para que possa agir de modo mais qualificado e humanizado na assistência da enfermagem pediátrica. Isso porque acredita-se que brincar no ambiente hospitalar funciona como um meio facilitador para a abordagem integral do cuidado, promovendo adesão ao tratamento, facilitando a comunicação afetiva, garantindo o direito da criança hospitalizada e contribuindo para a ressignificação da doença (Oliveira; Brêtas; Rosa, 2017).

I. TRAJETÓRIA HISTÓRICO-LEGAL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE ATENÇÃO À CRIANÇA E ADOLESCENTE HOSPITALIZADO NO CONTEXTO DA LUDOTERAPIA

Ao longo do tempo, as políticas públicas de atenção à criança e ao adolescente hospitalizado têm evoluído progressivamente a partir dos marcos legais e históricos. A ludoterapia, que faz uso do brincar como forma de abordagem terapêutica, tem como finalidade a redução das tensões, da ansiedade e do medo que a hospitalização impõe a esses indivíduos. É uma forma de proporcionar uma melhor adaptação a esse momento delicado que estão vivenciando (Ribeiro *et al.*, 2013).

No Brasil, a trajetória histórico-legal dessas políticas começou a ganhar destaque a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988. Além dos direitos sociais garantidos no art. 6º a todos os cidadãos, o artigo art. 227 reafirma que a criança e o adolescente passam a ter prioridade absoluta a direitos como: o direito à vida; à alimentação; ao lazer; à segurança; à convivência familiar; à saúde, entre outros (Brasil, 1988; Ribeiro *et al.*, 2013).

A Constituição Federal estabeleceu a proteção integral à criança e ao adolescente como um direito fundamental e foi a partir desse marco legal que, no ano de 1990, elaborou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O ECA, além de determinar as diretrizes para o cuidado e proteção das crianças e adolescentes, reforça a necessidade de garantir a elas o direito à assistência médica e hospitalar, reconhecendo a importância de abordagens terapêuticas, que consideram as necessidades sociais e emocionais desses indivíduos (Brasil, 1990; Gomes; Caetano; Jorge, 2010).

Para assegurar, promover e proteger os direitos previstos no ECA, foi criado no ano de 1991 o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), através da Lei n. 8242/91, tendo como premissa fiscalizar se as ações que atendem essa população estão sendo cumpridas e respeitadas pelo poder público. Além disso, o Conanda, através da gestão compartilhada – governo e sociedade civil – define

as diretrizes para a Política Nacional de Promoção, Proteção e Defesa dos Direitos de Crianças e Adolescentes (Brasil, 1991).

Nesse contexto, no ano de 1995 foi elaborada a Resolução n. 41 do Conanda, com a contribuição da Sociedade Brasileira de Pediatria, que dispõe sobre os Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. Esses direitos foram aprovados por unanimidade pelo Conselho, quando apresentados em sua vigésima sétima Assembleia Ordinária. Dentre os 20 direitos elencados nessa resolução, para este estudo, destaca-se: o “Direito a desfrutar de alguma forma de recreação” (Brasil, 1995). Essa resolução fez com que hospitais colocassem em prática o que já estava estabelecido no artigo 12 do ECA (Brasil, 1990).

Ademais, com o intuito de melhorar a qualidade dos cuidados nos locais que prestam serviços de saúde, foi criada no ano de 2003 a Política Nacional de Humanização (PNH). Essa política, além de trazer os conceitos como humanização, acolhimento, defesa dos direitos dos usuários, dentre outros, também versa sobre o conceito de ambiência, ou seja, discorre sobre “Criar espaços saudáveis, acolhedores e confortáveis, que respeitem a privacidade, propiciem mudanças no processo de trabalho e sejam lugares de encontro entre as pessoas” (Brasil, 2013, p. 9).

Nesse sentido, no ano de 2005 foi criada a Lei 11.104/2005, que determina a instalação de brinquedotecas em serviços de saúde, que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Com a aprovação dessa lei, os hospitais foram obrigados a criar brinquedotecas, com jogos educativos, que estimulem a recreação da criança, como também de seu acompanhante (Brasil, 2005).

Em continuidade, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) foi inserida no SUS a partir da Portaria n. 1.130, de agosto de 2015, objetivando a promoção e proteção da criança, mediante a atenção e cuidados integrais e integrados em seus múltiplos aspectos de vida (Brasil, 2018).

Logo, dentro do contexto da ludoterapia, o cumprimento da PNAISC pelas instituições de saúde visa garantir que a criança hos-

pitalizada receba uma atenção integral, humanizada e de qualidade, considerando suas necessidades físicas, emocionais e sociais. Essa abordagem contribui para a promoção da saúde infantil e para o melhor enfrentamento da experiência da hospitalização pela criança e sua família (Sá; Silva, 2020).

2. BENEFÍCIOS DA LUDOTERAPIA NO CUIDADO DA CRIANÇA

A ludoterapia, definida como a “Terapia do brincar”, é um método de tratamento com abordagem focada principalmente em crianças, no qual são realizadas atividades e técnicas dinâmicas em forma de brincadeiras, para que o paciente pediátrico se sinta confortável em processar suas emoções, demonstrar seus medos e ansiedades, além de torná-lo mais tranquilo, confiante, aumentando a sua comunicação verbal e não verbal, e incentivando o sentimento de liberdade (Fioreti; Manzo; Regino, 2016).

Segundo Sá e Silva (2020), a ludoterapia surge como uma estratégia que auxilia na socialização da criança com toda a equipe e seus familiares, proporcionando bem-estar, entretenimento e funciona também como uma medida analgésica e não farmacológica. As estratégias lúdicas no contexto hospitalar pediátrico promovem experiências positivas no sentido de tornar o ambiente do hospital menos hostil e ameaçador para crianças.

Conforme Caleffi *et al.* (2016), é importante preparar as crianças emocionalmente para a permanência de sua internação e antes de qualquer procedimento durante a hospitalização. Ela deve ser vista como o principal sujeito do seu processo de hospitalização, incentivando um cuidado que vai além do aspecto físico, que atenda às necessidades emocionais e sociais, empregue técnicas que favoreçam a comunicação e a criação de vínculo, sendo o brincar o destaque delas.

Santos *et al.* (2017) demonstraram que a criança sofre com o processo de adoecimento e hospitalização, que acarreta transtornos que dificultam a assistência de enfermagem, e o uso da ludoterapia ajuda a amenizar o sofrimento desse processo.

É fundamental reconhecer que crianças hospitalizadas, assim como qualquer indivíduo de diferentes faixas etárias, sintam dor devido a procedimentos invasivos realizados no ambiente hospitalar, como: punções, curativos, sondagens, exames laboratoriais, entre outros. Muitas vezes, elas estão física e emocionalmente debilitadas, manifestando-se através de choro, birras e agressividade (Sabino *et al.*, 2019).

Assim, em situações como essas, a abordagem lúdica emerge como uma ferramenta crucial para o cuidado, pois ajuda a reduzir a ansiedade, crises emocionais e facilita a adesão ao processo de hospitalização (Silva *et al.*, 2018). Portanto, a abordagem lúdica oferece um mecanismo de proteção que pode aliviar a dor e o sofrimento, enquanto promove tranquilidade e uma melhor aceitação do tratamento (Sabino *et al.*, 2019).

Como apontado por Santos (2017), 46% dos pacientes pediátricos que fizeram o uso do brinquedo terapêutico como atividade de cuidado demonstraram a diminuição da ansiedade e a promoção de sentimentos de autocontrole; outra parcela significativa (30%) preferiu fazer atividades como: massinhas de modelar, fantoches, histórias e brincadeiras diversas, que levaram à diminuição do quadro de dor e aproximação da criança com a equipe, pois evidenciaram uma melhor promoção da comunicação, da interação e de maior estímulo ao desenvolvimento físico, mental e social.

Destaca-se que, durante a internação, é essencial que a criança tenha contato com as atividades lúdicas, pois isso ajuda a mitigar os efeitos adversos da separação e do convívio social, facilita a adaptação ao ambiente hospitalar, alivia sentimentos de ansiedade, estresse, medo, ajuda no manejo da dor e promove uma melhor aceitação dos procedimentos, resultando em uma redução do tempo de internação (Correio *et al.*, 2022; Paula *et al.*, 2020; Sabino *et al.*, 2019; Silva *et al.*, 2018).

Sabino *et al.* (2019) evidenciaram em sua pesquisa que o brincar no ambiente hospitalar reduz a ansiedade, tensão, frustração, conflito, e pode reduzir os efeitos negativos da ruptura de suas rotinas e do seu convívio social, com melhora da adaptação durante a internação e funciona como atividade-meio entre a criança e o profissional, pois facilita atingir os objetivos/metas de cuidado anteriormente estabelecidos.

Assim, à medida que a ludoterapia é integrada na assistência à saúde, observa-se uma diminuição notável de sintomas como: estresse, náusea, falta de apetite e agressividade em crianças hospitalizadas, resultando em uma evolução mais estável e um ambiente mais alegre. Esse processo também otimiza e aprimora a eficácia do trabalho da equipe multidisciplinar (Dal’Bosco *et al.*, 2019).

3. DIVERSAS ABORDAGENS PARA O USO DA LUDOTERAPIA NO CUIDADO DA CRIANÇA

A ludoterapia pode ser compreendida como uma técnica psicoterápica de abordagem ao público infantil que utiliza o brincar como um meio de expressão e comunicação. Pode ser perfeitamente aplicada nos serviços de saúde de atendimento às crianças com diversas disfunções emocionais e psicossociais (Oliveira *et al.*, 2020).

Dessa forma, implementada em sessões, há possibilidade de utilização por psicólogos, psiquiatras, enfermeiras, entre outros profissionais da saúde, em qualquer ambiente que seja necessário e/ou apropriado para tal. Para tanto, o principal objetivo da ludoterapia é utilizar o brincar como uma potente ferramenta terapêutica que possibilita o entendimento da criança a respeito de seu próprio sentimento e do seu comportamento (Oliveira *et al.*, 2020).

A narração de histórias, a encenação de peças teatrais e a utilização de bonecos para simular procedimentos de saúde são exemplos de técnicas que são comumente utilizadas na prática de cuidado

em pediatria. Essas estratégias terapêuticas não apenas estimulam a imaginação, mas também desenvolvem habilidades cognitivas, oferecem educação, proporcionam descontração e favorecem o relaxamento e a aprendizagem, mesmo em um ambiente intrinsecamente estressante, como o hospital (Correio *et al.*, 2022).

Ainda, uma opção adicional que pode ser incorporada na ludoterapia é a palhaçoterapia. Segundo Dal’Bosco (2019), em seus estudos, tal técnica tem como objetivo favorecer a recuperação emocional de crianças submetidas a prolongadas internações hospitalares. A meta desse cuidado é alcançada ao romper com a rotina hospitalar por meio de brincadeiras criativas, proporcionando alegria, risos e uma interação afetiva significativa com os pacientes.

Vale citar outra abordagem de interesse da ludoterapia, que é a musicoterapia, que se baseia na integração da música na terapia clínica, oferecendo diversos benefícios durante o período de hospitalização. Essa prática contribui para a estabilização dos sinais vitais do paciente, uma vez que promove o relaxamento e melhora a respiração, resultando na otimização da oxigenação dos tecidos e na liberação de hormônios que favorecem o bem-estar (Kobus *et al.*, 2022).

Em uma variedade de estudos analisados, foram identificadas diversas técnicas de ludoterapia adotadas no cuidado de crianças hospitalizadas. Estas incluem contação de histórias, círculos de leitura, terapia criativa com arte (englobando musicoterapia, dança/movimento e arteterapia, incluindo desenho, pintura, modelagem e dramatização). Além disso, foram mencionadas iniciativas como playground virtual interativo, teatro de fantoches, jogos, gincanas e o uso de materiais hospitalares em atividades recreativas (Lopes *et al.*, 2020; Neves; Prado, 2018; Paula *et al.*, 2020; Silva *et al.*, 2018).

Entre tantas outras técnicas da ludoterapia, uma das mais conhecidas na enfermagem pediátrica é o brinquedo terapêutico (BT), que é considerada como uma brincadeira estruturada que se mostra eficaz na redução dos efeitos adversos decorrentes da hospitalização infantil (medos, traumas, apatia, irritabilidade, etc.) – (Cintra; Silva; Ribeiro, 2006; Oliveira *et al.*, 2020). Existem três tipos de BT: o

Brinquedo Terapêutico Dramático (BTD), que promove a descarga emocional e a manifestação dos sentimentos, desejos e experiências vividas, ao permitir que a criança assuma papéis sociais, passando de ser passivo para ativo e compreendendo sua realidade; o Brinquedo Terapêutico Capacitador de Funções Fisiológicas (BTCFF) , que permite que a criança aprenda a utilizar suas capacidades fisiológicas de acordo com sua nova condição de vida; e o Brinquedo Terapêutico Instrucional (BTI), utilizado no intuito de orientar os procedimentos, através do manuseio do material antes e após eles (Canêz *et al.*, 2019).

Conforme demonstrado no estudo de Oliveira e colaboradores (2020), o brinquedo terapêutico mais utilizado é o institucional, cujo objetivo é instruir a criança sobre os procedimentos que serão realizados com ela, facilitando, assim, sua compreensão e colaboração com os profissionais de saúde. Sua aplicação é especialmente usada quando a criança demonstra resistência em realizar o procedimento, evidenciando sentimentos de tensão e/ou ansiedade.

Ante o exposto, é importante situar tais práticas de ludoterapia com a análise de conceito de tecnologia leve das práticas de enfermagem, de acordo com o modelo de Walker e Avant (Moraes de Sabino *et al.*, 2016).

4. A LUDOTERAPIA COMO TECNOLOGIA LEVE-DURA NO CUIDADO EM ENFERMAGEM

Atualmente, é ampla a discussão sobre as tecnologias relacionadas ao setor de saúde. Dentre as práticas realizadas por enfermeiros, é comum a utilização de tecnologias compreendidas em uma concepção de produto e processo. Nas tecnologias como produto, estão abordadas as informatizações, informações e artefatos; nas tecnologias com processo, encontram-se os recursos relacionados ao ensino e à aprendizagem do indivíduo, como no caso da ludoterapia nas ações de enfermagem.

As tecnologias em enfermagem podem ser divididas em: leve – caracterizada pela constituição de relações para implementação do cuidado (vínculo, gestão de serviços e acolhimento); leve-dura – evidenciada pela construção do conhecimento por meio de saberes estruturados (teorias, modelos de cuidado, cuidado enfermagem) e dura – em que há a utilização de instrumentos, normas e equipamentos tecnológicos (Moraes de Sabino *et al.*, 2016).

A tecnologia leve-dura é compreendida como a utilização de conhecimentos estruturados, que não precisam de um recurso de alta tecnologia para realização, como massagens, banho de imersão e aromaterapia (Moraes de Sabino *et al.*, 2016), e nesta reflexão apresenta-se com a ludoterapia. Nessa modalidade o enfermeiro, durante a assistência prestada, utiliza materiais lúdicos/educativos e os resultados alcançados com ação são importantes para o cuidado.

Salienta-se que a enfermagem vem ganhando destaque na aplicação das tecnologias lúdicas, com oportunidades de implementá-las e/ou desenvolvê-las para maior crescimento da profissão e benefícios da relação entre profissional e cliente, neste caso, crianças e adolescentes hospitalizados. Destaca-se que existem diversos estudos que utilizam a tecnologia, usada em múltiplos cenários. Dessa forma, é importante que esse termo seja bem empregado com o intuito de evitar o seu uso de forma inadequada.

Ressalta-se a importância da realização de análises de conceito na prática do enfermeiro. Nesse sentido, o método de Walker e Avant, empregado amplamente em pesquisas nacionais e internacionais, é um dos mais comuns utilizados na área da enfermagem (Melo *et al.*, 2023).

Assim, é necessário elucidar o conceito de tecnologia para a profissão de enfermagem, visto que, cada vez mais, esses profissionais estão fazendo uso de tecnologias educacionais para a prestação do cuidado. Além disso, é considerável compreender adequadamente esse termo, a fim de consolidar uma assistência de enfermagem mais científica e baseada em definições e conceitos consistentes (Moraes de Sabino *et al.*, 2016).

A ludoterapia nas ações de extensão em enfermagem busca, assim, articular suas ações de modo a contribuir efetivamente para a formação integral dos estudantes envolvidos, estimulando sua participação como cidadão crítico e responsável, pela vivência dos seus conhecimentos de modo profissional e interdisciplinar, integrada ao currículo. Ademais, a operacionalização e execução dessas práticas podem ser realizadas com poucos recursos, característica inerente às ferramentas de tecnologia leve-dura.

5. A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO DE LUDOTERAPIA NA FORMAÇÃO DE ENFERMEIROS

As necessidades sociais no campo da enfermagem rotineiramente fazem coexistir leis e resoluções que legitimam a atuação profissional. Dentre algumas atribuições clínicas, a equipe de enfermagem está legalmente resguardada pela Resolução do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) nº 295/2004, revogada pela Resolução Cofen nº 546/2017, sobre a utilização do brinquedo terapêutico como intermediador no atendimento às crianças pelos profissionais de saúde (Costa; Sousa; Fernandes, 2019).

A expansão do ensino universitário inclui um conjunto de práticas educacionais, sociais e culturais que beneficiam tanto as comunidades como os acadêmicos. Abrange atividades que visam servir a comunidade aprimorando a educação dos alunos e proporcionando oportunidades educacionais em áreas complementares ao curso. Nesse contexto, se faz necessária a adequação de conteúdos na formação de enfermeiros, sendo a extensão universitária um espaço oportuno para aplicação da prática (Paula *et al.*, 2019).

Nas ações de extensão em enfermagem, o desenvolvimento de projetos que envolvem a ludoterapia proporciona à equipe de enfermagem dos serviços de saúde parceiros a chance de desenvolverem habilidades e aprimorar técnicas voltadas para uma abordagem mais humanizada no cuidado às crianças hospitalizadas. Os cuidados

com a saúde integral infantil são tão relevantes quanto os procedimentos técnicos, pois ambos desempenham um papel crucial para assegurar a colaboração dos pacientes e, conseqüentemente, a adesão ao tratamento. A vivência prática exerce uma função crucial na sensibilização, não apenas dos estudantes, mas de toda a equipe multidisciplinar, acerca da relevância da ludoterapia no contexto terapêutico (Dal' Bosco *et al.*, 2019).

Braga *et al.* (2020), através de uma revisão realizada com o objetivo de analisar as publicações sobre grupos infantis realizados por enfermeiros, constataram que atividades lúdicas são essenciais ao cuidado de enfermagem à criança e que propiciam o elo e confiança entre a enfermagem, criança e família. Desse modo, o cuidado lúdico pode ser usado como fonte estratégica, para promover esta aproximação, levando em consideração que os profissionais da saúde são as pessoas com quem o paciente poderá contar no momento da internação, no entanto, estes devem estar preparados emocionalmente para atender às necessidades de seu cliente.

Portanto, a formação e a capacitação dos profissionais de enfermagem são fundamentais para aplicação de atividades lúdicas voltadas ao cuidado de crianças hospitalizadas, que devem ser planejadas e preparadas para implementar intervenções de enfermagem de acordo com as necessidades reais de cada criança/adolescente (Santos *et al.*, 2017).

Furlanetto (2016) evidenciou em seu estudo que durante a sua formação acadêmica havia poucas disciplinas teóricas e práticas voltadas ao cuidado da criança e as que existiam eram direcionadas ao ensino de técnicas e procedimentos (sondagem, curativos, medicações, etc.). Para a autora, não há um olhar sobre a forma que facilite a interação entre a criança e o enfermeiro, sendo, muitas vezes, traumatizante para ambos e faz com que a criança tenha uma maior rejeição pelos profissionais de enfermagem.

O estudo de Sá e outros colaboradores (2022) revelou que para os discentes de enfermagem há reconhecimento quanto à importân-

cia do BT, contudo, existem dificuldades na implementação desta técnica durante a formação do ensino superior, devido à sua falta na rotina do cuidado de enfermagem. Já os docentes de enfermagem reconhecem que a teoria é ofertada em sala de aula, no entanto, ainda existe déficit na aplicabilidade e vivência da ludoterapia em campo prático (Sá *et al.*, 2022). Portanto, os autores reconhecem os benefícios da ludoterapia na prática clínica, porém apontam dificuldades para a sua implementação (Clara *et al.*, 2019).

A pesquisa de Silva e colaboradores (2022) evidenciou que docentes consideraram de extrema importância o desenvolvimento da temática ainda na graduação, bem como sua implementação nas ações de extensão, contudo, apontaram a necessidade de inserção da temática nos cursos técnicos de enfermagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que a criança tem dificuldade de se comunicar verbalmente e utiliza, muitas vezes, choros, gritos, gestos e empurrões que, de certa forma, demonstram o quão estressada ela está e o quão difícil é a sua adaptação na rotina hospitalar, repleta de intervenções.

O fato de a enfermagem não ter, em seu cotidiano, a prática do Brinquedo Terapêutico (BT), faz com que a criança tenha a errônea compreensão de que todo o procedimento doloroso é uma punição. Se o brincar fosse inserido como prática do cuidado do enfermeiro à criança, no cuidado hospitalar haveria momentos de diversão, alegrias e descontração e ela não veria o/a enfermeiro/a como um/a tio/a mau/má ou um/a vilão/a.

Nessa perspectiva, tecnologias que utilizam o lúdico e o brincar são, portanto, adequadas ferramentas de cuidado e ações de enfermagem a serem implementadas na assistência de crianças e adolescentes hospitalizados, não se restringindo apenas à prática do profissional de enfermagem, mas também dos demais profissionais que compõem a equipe multidisciplinar de cuidado em saúde.

REFERÊNCIAS

BRAGA, G. C.; *et al.* Enfermagem e o trabalho com grupos infantis: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, 2020.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 24 abr. 2023.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Seção 1, 16/7/1990, p. 13563. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 22 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 8.242, de 12 de outubro de 1991**. Cria o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda) e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8242.htm. Acesso em: 22 abr. 2023.

BRASIL. Conselho Nacional de Direitos da Criança e do Adolescente. Resolução nº 41, de 13 de outubro de 1995. **DOU**, seção 1, 17 out. 1995. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/acao-a-informacao/participacao-social/conselho-nacional-dos-direitos-da-crianca-e-do-adolescente-conanda/resolucoes/resolucoes-1-a-99.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2023.

BRASIL. **Lei nº 11.104, de 12 de março de 2005**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/l11104.htm. Acesso em: 24 maio 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 13 de junho de 2012**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Humanização**. Ministério da Saúde, Secretaria Executiva, Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf. Acesso em: 23 abr. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança**: orientações para implementação. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.

CALEFFI, C. C. F. *et al.* Contribuição do brinquedo terapêutico estruturado em um modelo de cuidado de enfermagem para crianças hospitalizadas. **Revista Gaúcha de Enfermagem** [online]. v. 37, n. 2, e 58131, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.02.58131>. Epub 31 maio 2016. ISSN 1983-1447. <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2016.02.58131>. Acesso em: 26 dez. 2023.

CANÊZ, J. B. *et al.* O brinquedo terapêutico no cuidado à criança hospitalizada. **Rev. Enferm. Atual In Derme**, v. 88, n. 26, abr./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.31011/reaid-2019-v.88-n.26-art.129>. Disponível em: <https://www.revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/129/437>. Acesso em: 06 maio 2023.

CINTRA, S. M. P.; SILVA, C. V.; RIBEIRO, C. A. O ensino do brinquedo/brinquedo terapêutico nos cursos de graduação em enfermagem no Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.l.], v. 59, n. 4, p. 497-501, ago. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-71672006000400005>.

CLARA, M. *et al.* The therapeutic play in nursing graduation: from theory to practice / O brinquedo terapêutico na graduação de enfermagem: da teoria à prática. **Rev. pesqui. Cuidado**, v. 11, n. 4, p. 1043-1047, 1 jul. 2019.

- CORREIO, J.F.A. *et al.* O cuidado lúdico pela enfermagem em pediatria: conhecimento e dificuldades para sua utilização. **Rev. Enferm Atual In Derme**, v. 96, n. 39, p. 13, 2022. DOI: <https://doi.org/10.31011/reaid-2022-v.96-n.39-art.1429>. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/view/1429>. Acesso em: 30 jul. 2023.
- COSTA, W. M.; SOUSA, H. O.; FERNANDES, M. R. **Brinquedo terapêutico na enfermagem pediátrica brasileira**: uma revisão da literatura das evidências atuais. 2019. 4 f. Tese (Mestrado) – Ciências da Saúde, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.
- DALBOSCO, E. B. *et al.* Humanização hospitalar na pediatria: projeto “enfermeiros da alegria”. **Revista de Enfermagem**, Recife, v. 4, n. 13, p. 1173-1178, 8 abr. 2019.
- FIORETI, F. C. C. F.; MANZO, B. F.; REGINO, A. E. F. A Ludoterapia e a criança hospitalizada na perspectiva dos pais. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 20, n. 09, p. 97-104, 2016.
- FURLANETTO, P. **Humanização do cuidado à criança hospitalizada por meio do Brinquedo Terapêutico**. 2016. Artigo (Graduação) – Curso de Enfermagem, Universidade do Vale do Taquari – Univates, Lajeado, 01 jul. 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1306>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- GOMES, G. C.; OLIVEIRA, P. K. Vivências da família no hospital durante a internação da criança. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [S.l.], v. 33, n. 4, p. 165-171, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1983-14472012000400021>.
- KOBUS, S. *et al.* Musicoterapia apoia crianças com doenças neurológicas durante intervenções fisioterapêuticas. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 3, p. 1492, fev. 2022. DOI: [10.3390/ijerph19031492](https://doi.org/10.3390/ijerph19031492). Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8835220/>. Acesso em: 04 maio 2023.
- LOPES, N.C.B. *et al.* Abordagens lúdicas e o enfrentamento do tratamento oncológico na infância. **Rev enferm UERJ**, v. 28, p. 7, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2020.53040>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/53040>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- MELO, B. C. C. *et al.* Análise do conceito enfermeiro especialista segundo Walker e Avant: scoping review. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 08, n. 07, v. 01, p. 177-193, abr. 2023. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/conceito-enfermeiro>. DOI: [10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/conceito-enfermeiro](https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/educacao/conceito-enfermeiro). Acesso em: 04 abr. 2024
- MORAES DE SABINO, L. M. *et al.* Uso de tecnologia leve-dura nas práticas de enfermagem: análise de conceito. **Aquichan**, v. 16, n. 2, p. 230-239, 2016. DOI: [10.5294/aqui.2016.16.2.10](https://doi.org/10.5294/aqui.2016.16.2.10)
- NASCIMENTO, C.; BARBOSA, E. A.; SILVA, B.; ARAÚJO, K.; FLORENCIO, G.; CANÁRIO, A. *et al.* Child Oncology and Hospital Recreation. **Journal of Cancer Therapy**, v. 10, n. 2, p. 157-65, 2019.
- NEVES, S.J.O.; PRADO, P.F. Contação de histórias em unidade oncológica pediátrica. **RBC**, v. 64, n. 3, p. 383-7, 2018. DOI: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2018v64n3.44>. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/44>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- OLIVEIRA, D. S. *et al.* Brinquedo terapêutico e a assistência de enfermagem: revisão integrativa. **Revista de Divulgação Científica Sena Aires**, p. 563-572, 20 jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36239/revisa.v9.n3.p563a572>. Acesso em: 29 dez. 2023.
- OLIVEIRA, C. S.; BRÊTAS, A. C. P.; ROSA, A. S. A Importância da Extensão Universitária na Graduação e Prática Profissional de Enfermeiros. **Currículo sem Fronteiras**, v. 17, n. 1, p. 171-186, jan./abr. 2017.

PAULA, D. P. S. *et al.* Integração do ensino, pesquisa e extensão universitária na formação acadêmica: percepção do discente de enfermagem. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 33, p. e549-e549, 2019.

PAULA, G.K. *et al.* Estratégias lúdicas no cuidado de enfermagem à criança hospitalizada. **Rev Enferm UFPE on line**, v. 13, p. 11, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2019.238979>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/238979>. Acesso em: 23 mar. 2024.

RIBEIRO, R. L. R. *et al.* Educação, saúde e cidadania: estratégias para a garantia de direitos de crianças e adolescentes hospitalizados. **Revista de Educação Pública**, v. 22, n. 49/2, p. 503-523, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/repub/v22n49s02/v22n49s02a08.pdf>. Acesso em: 25 maio 2023.

SÁ, I. C. T. F. *et al.* Ensino do lúdico para o cuidado à criança hospitalizada: significados de discentes de enfermagem [Teaching of play for the care of hospitalized children: its meanings to nursing students] [Enseñanza del abordaje lúdico para el cuidado del niño hospitalizado: significados de estudiantes de enfermería]. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 30, n. 1, p. 64642, 19 out. 2022.

SÁ, I. C. T. F.; SILVA, T. P. Estratégias lúdicas no cuidado à criança hospitalizada: uma revisão integrativa. **Revista Enfermagem Digital Cuidado e Promoção da Saúde**, v. 5, n. 2, p. 135-145, 2020. DOI: [10.5935/2446-5682.20200024](https://doi.org/10.5935/2446-5682.20200024). Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/redcps.com.br/pdf/v5n2a10.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2023.

SABINO, A. S. *et al.* O conhecimento dos pais quanto ao processo do cuidar por meio do brincar. **Cogitare Enferm**, v. 2, n. 23, p. 10, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v23i2.52849>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/52849>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SANTOS, D. R. *et al.* Processo de brincar da criança hospitalizada guiado pelo modelo lúdico. **Cogitare Enfermagem**, v. 19, n. 3, p. 610-620, 2014.

SANTOS, S. S. *et al.* A ludoterapia como ferramenta na assistência humanizada de enfermagem. **Revista Recien – Revista Científica de Enfermagem**, v. 7, n. 21, p. 30, 11 dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.24276/rrecien2358-3088.2017.7.21.30-40>. Acesso em: 26 dez. 2023.

SILVA, D.O. *et al.* A importância do lúdico no contexto da hospitalização infantil. **Rev Enferm UFPE on line**, v. 12, n. 12, p. 8, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i12a234923p3484-3491-2018>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234923/30831>. Acesso em: 23 mar. 2024.

SILVA, S. G. T. *et al.* Influence of Therapeutic Play on the anxiety of hospitalized school-age children: clinical trial. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.l.], v. 70, n. 6, p. 1244- 1249, dez. 2017.

SOARES, M. R. Z; ZAMBERLAN, M. A. T. A inclusão do brincar na hospitalização infantil. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 64-69, ago. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-166x2001000200006>. Acesso em: 3 mar. 2024.

VIEIRA, M. A; LIMA, R. A. G. Crianças e adolescentes com doença crônica: convivendo com mudanças. **Revista Latino-Americana**, São Paulo, v. 4, n. 10, p. 552-560, jul. 2002.